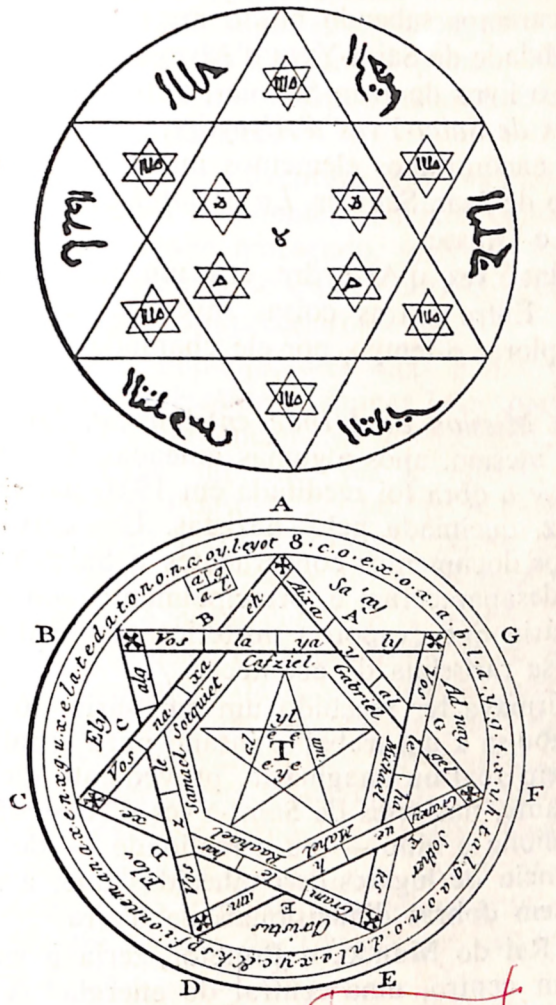
Poderíamos dizer, com uma certa ironia, que o Protetor não impediu desastres nem massacres horripilantes. Ao que se pode replicar que, sem a intervenção do Protetor, tudo poderia ter sido muito pior.

Junto aos Maias encontramos algumas descrições do Protetor misteriosamente próximas tanto da lenda de Gilgamesh como da lenda do Cavaleiro Branco, bem como de muitas lendas da Idade Média. Segundo certas formas da lenda, o Protetor seria o Rei do Mundo das tradições asiáticas que vem, algumas vezes, para defender os homens. Sob esta forma, a lenda do Protetor aparece na Europa, no final do século XIX, na obra de Saint-Yves d'Alveydre. Esta fala (página 27 de *Mission de l'Inde en Europe*) sobre a origem do Rei do Mundo:

"Onde está Agartha? Em que lugar exato reside? Por qual estrada, através de que povos deve-se andar para chegar lá? A esta pergunta que os diplomatas e os homens de guerra não deixarão de me fazer, não me convém responder além do que o farei, enquanto o acordo sinárquico não estiver feito, ou pelo menos assinado. Porém, como sei que nas suas competições mútuas, através de toda a Ásia, algumas forças tocam este território sagrado sem se aperceberem disto, como sei que no momento de um conflito possível, seus exércitos deveriam forçosamente passar por ele, ou contorná-lo, é por amizade a estes povos europeus como a Agartha que não temo dar continuidade à divulgação que comecei.

Na superfície e nas entranhas da Terra a extensão real de Agartha desafia a opressão e o rigor da violência e da profanação. Sem falar na América, cujo subsolo ignorado pertenceu-lhe numa antigüidade muito remota, apenas na Ásia, perto de meio milhão de



DOIS ANTIGOS SÍMBOLOS DO PROTETOR: o escudo de Davi e o Selo de Salomão. Eram encontrados sob a forma de estrelas amarelas usadas pelos judeus durante a Ocupação. Figuram, em azul, nos aviões e bandeiras do Estado de Israel.